

## O gigante e o alfaiate

Era uma vez um alfaiate que era grande fanfarrão, embora muito mau pagador. Certo dia, deu-lhe na telha sair pelo mundo afora. Logo que lhe foi possível, abandonou a oficina, cantarolando alegremente.

Pelo caminho foi andando,  
pelas pontes foi passando,  
tivesse ou não tivesse gente,  
para aqui para acolá,  
mas sempre para a frente.

Quando saiu do recinto da cidade, avistou ao longe uma montanha pontiaguda e, no seu cume, uma torre tão alta que parecia furar o céu, a qual sobressaía do meio de uma grande floresta virgem.

Cáspite! - exclamou o alfaiate, - o que será aquilo?

E, espicaçado pela curiosidade, foi correndo naquela direção. Mas ao chegar lá, abriu, imensamente, os olhos e a boca. A torre tinha pernas! E ela transpôs de um salto a montanha abrupta e estacou como enorme gigante diante do alfaiate.

- Que vens procurar aqui, mosquitinho? - bradou com uma voz tão estentórea como o retumbar de um trovão. O alfaiate balbuciou trêmulo:

- Estou vendo se me é possível ganhar um bocado de pão aí nessa floresta.

- Se esse é o teu intento, podes vir desde já trabalhar para mim, - disse o gigante.

- Por quê não? Se for necessário irei! Mas qual será meu salário?

- Teu salário? - respondeu o gigante, - já o verás! Trezentos e sessenta e cinco dias por ano e mais um dia se o ano for bissexto; serve-te?

- Que seja! - respondeu o alfaiate, e pensava consigo mesmo: "Deve-se esticar as pernas conforme o comprimento da coberta. Mas procurarei ver-me livre quanto antes."

Então, o gigante disse-lhe:

- Vai, velhaquete, e traze-me uma bilha de água.

- E por quê não o regato e mais a fonte toda? - perguntou o fanfarrão, e, pegando na bilha, foi buscar água.

- O quê? O regato e a fonte toda? - resmungou o gigante por entre as barbas e, como era um tanto estúpido e tolo, ficou alarmado: "aquele malandro é

muito sabido, sabe algo mais do que assar maçãs; provavelmente tom mandrágora no corpo. Cuidado, meu velho, esse não é criado para ti!"

Quando o alfaiate lhe trouxe a água, o gigante mandou-o cortar algumas achas de lenha, a fim de levá-las para casa.

- Por quê não a floresta inteira de uma vez?

A floresta toda inteira,  
com as árvores velhas e novas  
e tudo o que ela contém.  
Liso e nodoso também?

perguntou o alfaiate, e foi rachar a lenha.

- O quê?

A floresta toda inteira,  
com as árvores velhas e novas  
e tudo o que ela contém.  
Liso e nodoso também?

- E mais o regato com a fonte? - resmungou por entre as barbas o crédulo gigante; e seu medo aumentou ainda mais: - "aquele velhaco sabe demais, tem com toda a certeza mandrágora no corpo! Cuidado, meu velho, esse não é bom criado para ti."

Quando o alfaiate lhe trouxe a lenha, o gigante mandou-o caçar dois ou três porcos-do-mato para o jantar.

- Por quê não mil de uma vez e os demais também, com um só tiro? - perguntou o alfaiate farofeiro.

- O quê? - exclamou assustadíssimo o gigante, tremendo de medo como um coelho: - por hoje basta; agora vai dormir.

O gigante, de tão amedrontado, não conseguiu pregar olho durante a noite toda, e ficou a pensar na maneira de livrar-se daquele maldito criado embruxado.

A noite é boa conselheira. Na manhã seguinte, o gigante e o alfaiate saíram e foram ter a um brejo todo cercado de salgueiros. Aí o gigante disse:

- Escuta aqui, alfaiate, senta-te num galho desse salgueiro; eu gostaria de ver se és capaz de vergá-lo com o teu peso!

De um pulo o alfaiate encarapitou-se no galho; prendeu a respiração para ficar mais pesado, tão

pesado que o galho dobrou-se até quase tocar o chão. Mas, infelizmente, teve de respirar de novo e, não tendo consigo o ferro de engomar, que sempre trazia no bolso, o galho ao voltar à sua posição normal, projetou-o a tal altura que nunca mais alguém o viu. Se ainda não caiu no chão, deve estar certamente planando pelo espaço até agora.

\* \* \*